

RECENSÕES

GIRARD, René. *O Bode Expiatório*. Trad. de Ivo Storniolo. Paulus Editora, São Paulo 2005, 1 vol. br., 14x21 cm, 280 p.

O fenômeno da violência ligada ao religioso e a muitas formas de religião, bem como a questão das religiões fundadas em mitos despertou-me para a leitura do livro *O bode expiatório* de René Girard, autor de *La Violence et le Sacré*, edição brasileira *A Violência e o Sagrado*, Paz e Terra, São Paulo, 1998.

O título do original francês é *Le Bouc Émissaire*. *Émissaire* tem a ver com emissário ou canal ou cano de escoamento. Será que o título é bem traduzido em português por bode *expiatório*? É verdade que o A. lembra que a expressão “‘o bode expiatório’ não tem relação direta com o rito do bode expiatório tal como é descrito no Levítico, nem com outros ritos freqüentemente chamados de bode expiatório” (cf. p. 56). Aqui a vítima é inocente, e projeta-se sobre ela a culpa por todos os males acontecidos num determinado grupo humano. “Bode expiatório designa simultaneamente a inocência das vítimas, a polarização coletiva que se efetua contra elas e a finalidade coletiva dessa polarização. Os perseguidores se fecham na “lógica” da representação persecutória e não podem mais dela sair” (p. 55).

O livro é de difícil leitura. O autor analisa conceitos como a relação entre a violência e o religioso, as representações persecutórias, o processo vitimário gerado pela violência, a crise das sociedades, os estereótipos da perseguição e as perseguições coletivas, o mimetismo dos grupos humanos a se autodefenderem em suas discórdias dilacerantes na luta pelo poder e a posse.

Por perseguições coletivas ou com ressonâncias coletivas são entendidas as violências cometidas diretamente por multidões assassinas, como o massacre dos judeus durante a peste negra. Por perseguições com ressonâncias coletivas o A. entende as violências do tipo caça às bruxas, legais em suas formas, mas geralmente encorajadas por uma opinião pública superexcitada (cf. p. 19).

O A. analisa longamente os estereótipos subjacentes à perseguição, como uma crise social ou cultural, crimes indiferenciadores, marcas de seleção vitimária e a própria violência. Na perseguição coletiva teríamos a presença dos seguintes estereótipos: As violências são reais; a crise é real; as vítimas são escolhidas não por causa de crimes que lhes são atribuídos, mas de suas marcas vitimárias, de tudo aquilo que sugere a sua afinidade culpável com a crise; o sentido da operação é o de lançar sobre as vítimas a responsabilidade desta crise e de agir sobre ela destruindo tais vítimas ou ao menos expulsando-as da comunidade que elas “poluem” (cf. p. 33).

Nenhuma sociedade é isenta de perseguição e de perseguição vitimária. Daí a caça de vítimas consideradas culpadas de suas desgraças. A obsessão persecutória consiste em jogar a culpa de toda desgraça sobre seres inocentes, considerados culpados de toda desgraça do grupo. Daí a prática da violência e da perseguição.

À luz desses conceitos e princípios, o A. analisa os mitos antigos e novos e procura desmitificar as religiões baseadas em mitos de violência bem como os sistemas sociais baseados em estereótipos persecutórios e vitimários. Aliás, o A. procura interpretar toda a mitologia à base do estereótipo vitimário originário da perseguição e da violência.

Neste sentido, segundo o A., Jesus Cristo pela mensagem do Evangelho, vem desmascarar todas as religiões e estruturas sociais baseadas nos mitos, dos quais o princípio gerador são as representações persecutórias geradoras do processo vitimário do bode expiatório. Para tanto, após analisar numerosos mitos, à luz do processo vitimário, o A. lança mão de textos bíblicos como as “palavras-chave” da paixão evangélica, a degolação de São João Batista, a negação de Pedro, os demônios de Gerasa e Satanás dividido contra si mesmo.

A paixão evangélica livremente assumida por Jesus, com sua vitória libertadora, desmascarou todos os sistemas mimetizados de coletividades ou multidões, baseadas nos mitos do bode expiatório para justificar sua violência e perseguição vitimária. Por sua paixão Jesus Cristo libertou a humanidade de todas as religiões e sociedades de fundo mitológico, onde reinam não o ódio e a vingança, mas a concórdia no amor.

Com seus princípios de interpretação dos mitos o A. parece dar uma contribuição para o desmascaramento da presença e atuação de Satanás, que não seria outra coisa que uma mitologização das forças desagregadoras das sociedades humanas. Com a afirmação da verdade do amor Jesus Cristo desmascarou Satanás, visto como a tendência da discórdia e do desejo de posse indevida no coração humano.

O último capítulo é dedicado ao tema *A história e o Paráclito*. Na ação libertadora de Cristo por sua paixão, o A. postula a ação do Espírito Paráclito. No Paráclito, revelador de toda a verdade revelada por Cristo, a paixão de Cristo pode ser compreendida como libertadora, e no mesmo Paráclito pode ser implantado o reino de Deus, reino de verdade, de justiça e de paz. Citamos o raciocínio conclusivo do Autor: “No espelho das perseguições históricas, medievais e modernas, apreendemos, senão a própria violência fundadora, ao menos seus sucedâneos, tanto mais assassinos quanto menos tiverem de ordenador. Os caçadores de bruxas caem sob o golpe desta revelação, assim como os burocratas totalitários da perseguição. Toda violência doravante revela o que a paixão de Cristo revela, a gênese imbecil dos ídolos sangrentos, de todos os falsos deuses das religiões, das políticas e das ideologias. Os assassinos não pensam menos que seus sacrifícios sejam meritórios. Eles não sabem mais o que fazem e devemos perdoar-lhes. Chegou a hora de nos perdoarmos uns aos outros. Se esperarmos mais, não teremos mais tempo” (p. 275).

O quase obsessivo posicionamento do A. em suas convicções e na justeza de sua abordagem hermenêutica na interpretação dos mitos e dos textos bíblicos confunde

um tanto o leitor. Ele assume uma posição apologética diante de suas abordagens, discordantes dos métodos usados por etnólogos, antropólogos, sociólogos e psicólogos, entre outros cientistas. Penso, porém, que os princípios analisados são de grande proveito para a autenticidade das ciências humanas, sociais e religiosas. A própria exegese bíblica poderá tirar proveito dos princípios hermenêuticos apresentados pelo Autor neste campo. Não menos proveitosas são as considerações para uma reta compreensão da Liturgia como culto espiritual inaugurado por Cristo. Compreendemos melhor que a Liturgia cristã não é expressão cultural de uma religião baseada em mitos, mas no grande mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, que libertou os seres humanos dos mitos, garantido-lhes a liberdade dos filhos de Deus.

Alberto Beckhäuser, OFM

SOARES, Sebastião Armando Gameleira e CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Evangelho de Marcos. Vol. I: 1-8: Refazer a Casa*. Col. Comentário Bíblico. Petrópolis: , Ed. Vozes, 2002, 205 x 135 m, 300 p.

*Ney Brasil Pereira**

Sebastião Armando, atualmente Bispo da Igreja anglicana em Pelotas, foi meu colega nos estudos de mestrado em Ciências Bíblicas, no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, no início da década de 70. Começou seu ministério de professor de exegese no ITER, Recife, nos tempos de Dom Hélder. É um dos colaboradores de primeira hora de Carlos Mesters, no CEBI, e participou, desde o início (1985), do projeto do “Comentário Bíblico” de Vozes e Sinodal, tendo contribuído com vários artigos nas revistas “Estudos Bíblicos” e “Ribla”. Seu comentário sobre o evangelho de Marcos era aguardado há vários anos. Afinal, com a colaboração de João Luiz, aí está a primeira parte da obra. Na mesma coleção já temos o comentário ao evangelho de João, de Johan Konings (Vozes 2000), e aguardamos o de Mateus, de Sandro Gallazzi, bem como o de Lucas, de Ivoni R. Reimer.

É sabido que Marcos e João formam as duas pontas dos quatro evangelhos: João, o mais “espiritual”, aprofundando a transcendência divina de Jesus, o Logos feito carne; e Marcos, o mais “somático”, para usarmos a terminologia de Clemente de Alexandria, é o evangelista que mais nos transmite o primeiro impacto da realidade humana do Filho de Deus. É sabido também que o evangelho de Marcos, com 16 capítulos, se divide naturalmente em duas partes mais ou menos iguais: os primeiros oito capítulos, até a confissão de Pedro em Cesaréia de Filipe (8,27-30), dominados pela pergun-

* O Recensor é Mestre em Ciências Bíblicas e Professor no ITESC